



Sequências Narrativas Completas

a partir de
Álvaro Lapa
criação e interpretação
João Sousa Cardoso

cenografia
André Sousa
direção técnica
Miguel Ângelo Carneiro
produção executiva
Isalinda Santos
assistência de produção
Ana Pinto

coprodução
**Confederação
TNDM II
Teatro Viriato
Centro Cultural Vila Flor
TNSJ**

estreia **28Mar2019**
Teatro Nacional
D. Maria II (Lisboa)
dur. aprox. **1:00**
M/12 anos

Teatro Carlos Alberto
13-16 junho 2019
qui+sex **21:00**
sáb **19:00**
dom **16:00**

Os meninos de ouro

João Sousa Cardoso

Sabemos todos de fantasmas que nos sorriem, com quem conferenciamos e nos fazem companhia surda em noites de pensamento e lassidão. No seio da família restrita dos autores em que procuro repetidamente conselho para o meu trabalho no cinema e no teatro – sem que talvez o saibam porque não se encontram já no convívio dos homens, eu não os conheço senão pela sua escrita e quem adivinhará se autorizam o que faço –, Álvaro Lapa é o único que encontrei em vida e numa situação espantosa. Álvaro Lapa, o pintor e o escritor muito amado de poucos, foi meu professor nas Belas Artes do Porto. Tive a sorte de ter o Lapa como docente de Estética, em meados da década de 90, durante dois anos, numa idade em que o não reconheci e me impedi de compreender o que me oferecia. Aquela personagem misteriosa do leitor e do pensador que fuma pode, hoje, ser historicamente compreendida como a antiga figura do tutor que inicia culturalmente para uma ética, orienta leituras e forma a justeza do pensamento, numa ligação incessante entre a palavra e o segredo da experiência. Acompanhei, como tantos antigos estudantes, em 2006, o Álvaro Lapa à sua última morada e, a partir desse cortejo desolado dedicado a um homem silencioso que nos ensinou a encontrar o nosso lugar na sala de aula, numa estação da vida em que descobrimos “o que queremos fazer de heroico”, como o próprio define a juventude em entrevista ao Jorge Silva Melo, a voz do Lapa foi crescendo em mim, sempre mais, como o desejo de me aproximar da sua escrita. E a esta conversa caudalosa, sem propósito, com o professor ausente, impunha-se o trabalho de lhe descobrir uma forma possível de viver.

Conhecia, como muitos de nós, alguma da sua pintura e menos os textos. “Assim ouvido: dá cá a tua mão” era uma frase presente, partilhada e pouco mais. Em 2006, eu levantava o meu primeiro espetáculo, *O Bobo* (estreado na La Générale, em Paris, e no Teatro Taborda, em Lisboa), e depois da reflexão do Alexandre Herculano sobre a necessidade da refundação do país e o bem comum (texto que me chegou pelo filme prodigioso do José Álvaro Morais e, como resposta ao desmantelamento do Teatro Municipal Rivoli, me levou ao palco como cidadão), a sala do teatro pareceu-me a caixa de ressonância natural da sala de aula para me ensaiar no estudo dos textos do professor

e o lugar mais favorável à boa circulação das ideias. E compreendi, no exercício da leitura, o quanto o Lapa discorre sobre a opressão de um regime e da família num país empobrecido, o conflito entre as classes sociais e as elites embrutecidas, a aspiração a uma vida plena que a cultura vernacular e as pedras (as de Labruge e os menires das sociedades agro-pastoris do Neolítico nos campos do Alentejo) ensinam, a alegria do caminhar sem destino e o desejo nos corpos amantes. Assim, em 2008, levei à cena *Porque Morreu Eanes*, num espetáculo de luz goyesca chamado *A Carbonária* (Casa Conveniente, Lisboa), com o centenário do regicídio como cortina de fundo. Líamos à luz de fósforos e gambiarras, circundados por radiogravadores que lançavam sobre a plateia textos incendiários na escuridão, além de muito, muito carvão e pó. Desde então e nos últimos dez anos, o Teatro Nacional São João tem sido a casa que me tem acompanhado nesta viagem solitária pela obra do Lapa (*Raso como o Chão*, 2012; *Barulheira*, 2015; e agora *Sequências Narrativas Completas*) e numa aproximação que comporta o seu grau de risco e violência, porque a escrita lapiana pouco encerra de natureza dramática. E nada disto passaria de um capricho se a minha mão não fosse guiada pela voz do professor, animada pelas pulsões vitais duma extraordinária intensidade física que trespassam a obra e assombrada pela procura, desde *O Bobo* e, mais recentemente, com *TEATRO EXPANDIDO!* no Teatro Municipal do Porto, em 2015 (onde, reunindo atores profissionais, amadores e estudantes, atravessámos o teatro europeu do século XX, e levantámos onze peças em doze meses), de um teatro cidadão. Álvaro Lapa é o Uriel da Costa que passou por esta cidade e seguiu viagem. O judeu errante (como o cigano e o emigrante) é uma figura cara ao Lapa e, na relação com o concreto sem ideologia, surge exemplar nos seus escritos. E também aqui, em *Sequências Narrativas Completas*, se fala de Amesterdão e de não mais voltar ao país.

Talvez respondendo a anos de grande empréstimo de energias no trabalho com os atores, procuro agora o ator que sou na universidade e os fundamentos da minha condição de amador em cena. E, no exercício modesto da transmissão, ensaio as formas mínimas e o tom de voz refletido, como um fio de ouro, onde podemos auscultar o teatro que nasce para um novo tempo, quem sabe mais próximo da Grécia pelos atalhos da filosofia.

ficha técnica TNSJ
produção executiva
Mónica Rocha
direção de palco
Emanuel Pina
adjunto do diretor de palco
Filipe Silva
direção de cena
Cátia Esteves
luz
Filipe Pinheiro (coordenação)
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
Rui M. Simão
maquinaria
Filipe Silva (coordenação)
Adélio Pêra
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joaquim Marques
Jorge Silva
Lídio Pontes
Paulo Ferreira
som
Francisco Leal (coordenação)
António Bica

apoios TNSJ



apoios à divulgação



agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

agradecimentos *Sequências Narrativas Completas*

Balletteatro

Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00

www.tnsj.pt
geral@tnsj.pt

edição

Departamento de Edições do TNSJ

fotografia

Maria Begasse

design gráfico

Dobra

impressão

Greca – Artes Gráficas, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.